

## Buenos Aires nos anos vinte: cenário intelectual, urbanismo e modernidade

PEDRO DEMENECH \*

Os anos iniciais do século XX embeveceram os argentinos. Com todo o desenvolvimento que o país havia alcançado no século XIX, com o fim das guerras intestinas e dos conflitos políticos, os anos de 1900 surgiam trazendo a possibilidade de que a modernização empreendida nos anos anteriores colocaria o país nos eixos do desenvolvimento (ROMERO, 2006, p. 14).<sup>1</sup> Após longos esforços, nos anos de 1880 a Argentina conseguiria centraliza-se politicamente<sup>2</sup>; conseguinte a isso, o país pôde inserir-se no mercado mundial de maneira promissora para a época, como destacou Patricia Funes (2006, p. 21).<sup>3</sup>

Nos anos subsequentes a 1900 na Argentina surgiram, paradoxalmente, amalgamas de euforia, bulício e desenvolvimento. Esses acontecimentos iriam condensar-se, sobretudo, na cidade de Buenos Aires que além de ser a capital argentina, concentraria nela todas as transformações ocorridas (ROMERO, 2006, p. 29).<sup>4</sup> O historiador argentino Adrián Gorelik destaca que:

---

\* Licenciado em História pela Universidade Federal de Viçosa. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo, bolsista da Capes.

<sup>1</sup> Como destacou Luis Alberto Romero: “Nas décadas anteriores a 1916, próximas o suficiente para não esquecer a velocidade das mudanças, a Argentina embarcou no que, na época, era chamado de ‘progresso’. Os primeiros estímulos foram percebidos a partir de meados do século XIX, quando começou, no mundo, a integração plena dos mercados e a grande expansão do capitalismo, mas seus efeitos foram limitados por várias razões. A principal delas foi a organização institucional deficiente. Por isso, foi fundamental a tarefa de consolidar o Estado”.

<sup>2</sup> Ibid., p. 15-19.

<sup>3</sup> A historiadora ressalta que a centralização política obtida ao longo do século XIX e a condensação da ordem política no nível das elites, foram fenômenos capazes de inserir o país no mercado mundial. O assunto que entrou em pauta, nos debates intelectuais do período, foi o da imigração. Com todo o seu desenvolvimento, a Argentina pôde atrair uma grande quantidade de imigrantes que ao inserir-se no país começaram a ameaçar, na visão de alguns intelectuais, o *status quo* da sociedade argentina devido ao estranhamento que causaram e ao advento de novos conflitos sociais.

<sup>4</sup> O desenvolvimento e a transformação ocorridos em Buenos Aires, não chegaram com larga escala ao interior do país. Houve, contudo, cidades que desenvolveram-se como, por exemplo, Rosário. Em outros locais, como Córdoba, surgiam movimentos que se faziam ecoar na capital, e até fora do país. Foi o caso da Reforma Universitária de 1918, empreendida pelos alunos, que buscava uma maior dinâmica e autonomia do ambiente acadêmico (VASQUEZ, 2005).

[...] Buenos Aires, uma metrópole em contínuo processo de expansão social e urbana desde 1870, assiste a uma modernização dentro de uma modernização. São os anos em que se obtém o perfil definitivo da “cidade moderna”, num processo que ocupa dois tempos: na década de 1920, se define, no contexto de um denso combate cultural, o sentido ideológico e estético da identidade urbana [...] (GORELIK, 2005, p. 57).

O outro momento dessa modernização, diz respeito à reificação e cristalização da identidade urbana portenha na década de 1930. Pensada freneticamente, ao longo dos anos vinte, a cidade de Buenos Aires, além de haver tornado-se a primeira metrópole latino-americana; serviu como elemento simbólico, inspirando a realização de anseios<sup>5</sup> dos diversos grupos sociais que a habitavam.

Nos anos anteriores a 1920, Buenos Aires vivenciou profundamente os processos de modernização. Com a grande entrada de imigrantes; com a vitória de Hipólito Yrigoyen, sendo o primeiro eleito democraticamente para a Presidência da Argentina; o desenvolvimento econômico e o surgimento de novos hábitos de vida, ligados diretamente às mudanças que ocorriam no período a capital portenha atravessava um período de ebulição. Nesse sentido, pôde-se perceber que os processos de organização e desenvolvimento empreendidos pela sociedade argentina do XIX consolidavam-se em grandes velocidades (ROMERO, 2006, p. 37-48 e BERNAND, 1999, p. 233).

A imigração na Argentina é fato notório e, como destacou Júlio Pimentel Pinto, o acontecimento:

[...] permitiu que a população argentina, normalmente pequena e dispersa, quadruplicasse entre 1869 e 1914: dos cerca de 1,8 milhões de habitantes contados em 1869, saltou-se a mais de 3 milhões em 1890 e a quase 8 milhões na metade dos anos dez do século XX (PINTO, 1998, p. 50).

Ligada ao desenvolvimento econômico que o país vivenciava, a imigração contribuiu, além do crescimento populacional, para a inserção de novos elementos na cultura

---

<sup>5</sup> Opero com essa noção, a partir da obra de Frederic Jameson. O interesse do autor ao descrever a noção de “anseio” se volta, na verdade, para as questões ligadas a noção de interpretação. A ideia é entender que as noções de “valor” – como o significado que tem a cidade obtém, p. ex. – são criadas para compreender o mundo de forma abstrata. Nesse sentido, Jameson chama a atenção para que o entendimento dessas noções seja possível quando ocorre uma dissociação subjetiva preliminar da ação ou do próprio comportamento em questão. Aqui, o *elemento simbólico* é a forma encontrada para resolver as contradições sociais, que são insuperáveis por uma forma puramente formal dentro do reino da estética. (JAMESON, 1992).

portenha, que desde os anos subsequentes a 1870 estava em transformação. Dessa maneira, outras manifestações ocorridas em Buenos Aires iriam tonificar de forma acentuada, concomitante as modificações físicas da cidade, os embates sociais. Entre eles, poderíamos citar o embate entre a “velha” elite *criolla* ao ver na imigração um entrave para o desenvolvimento de seus interesses políticos.

Problema pungente na sociedade argentina, essa questão ecoará de forma mais acentuada no ano do Centenário da Independência (1910), quando a imagem da Revolução de Maio<sup>6</sup> inspiraria nos ânimos de diversos grupos sociais a questão sobre o rumo que a nação argentina estava seguindo; entre eles os intelectuais do período foram, talvez, os intérpretes mais combativos na formulação do significado do que era *ser argentino*. Como destacou Júlio Pimentel Pinto: ao passo que a sociedade modificou-se, a economia se desenvolveu e o setor político foi ressignificado, a questão da “argentinidade” entrou como pauta principal nos debates e projetos que circunscreviam o ambiente portenho de início do século XX (PINTO, 1998, p. 122).

Junto ao crescimento urbano, a capital portenha perdeu símbolos que eram referência para sua população. Desse modo, surgiu a necessidade de se repensar e criar novos elementos que contribuiriam para a constituição da cidade moderna.

Nessa situação, como destacou G. C. Argan, a própria noção de cidade entra em crise, de tal modo: já não é possível identificar-se com a urbe, porque se desgastam os componentes que a simbolize. Logo, a cidade torna-se um valor estético para que se possa, então, criar novas referências – de modo que toda comunidade possa dar valor a cidade. Sobre a cidade, Argan escreveu que:

São os homens que atribuem um valor às pedras e todos os homens, não apenas os arqueólogos ou literatos. Devemos, portanto, levar em conta, não o valor em si, mas a atribuição de valor, não importa quem a faça e a que título seja feita. De fato, o valor de uma cidade é o que lhe é atribuído por toda a comunidade e se, em alguns casos, este é atribuído apenas por uma elite de estudiosos, é claro que estes agem no interesse de toda a comunidade, porquanto sabem que o que hoje é ciência de poucos, será amanhã cultura de todos (2005, p. 228).

---

<sup>6</sup> O processo de independência da Argentina em relação à Espanha começa no ano de 1810 e sua consolidação ocorre em 1881, quando Buenos Aires torna-se a Capital Federal da Argentina, sobrepondo-se sobre as demais regiões do país.

Impossível era negar o impacto do crescimento urbano sobre Buenos Aires, que já não era uma cidade do século XIX, com traçados que continham características do período colonial. O historiador argentino José Luis Romero, ao estudar a fundação das cidades na América Latina, afirmou que o século XIX foi o período das “cidades patricias”. Porém, naquele período o continente enfrentava muitos conflitos (como o já citado caso de consolidação da Independência Argentina).<sup>7</sup>

Findos os conflitos decorrentes das guerras de independência, a “cidade patricia”, aos poucos, pôde se organizar e dominar as demais regiões – o mundo urbano sobrepondo-se ao rural. Surgem então as assim chamadas, por Romero, “cidades burguesas”. O processo que desencadeou a “cidade burguesa” rompeu com a antiga formação da “cidade patricia”, pois esta ainda mantinha certos traços do desenho urbano colonial. Se no início do século XIX o principal problema foi consolidar as independências, ao final daquele período a Sociedade, já reestruturada, reurbanizou-se. Diversificando-se, assistiu à vertiginosa cisão entre o passado colonial e a possibilidade do Novo – o futuro tornou-se o local de novas promessas.

É, a partir desse sentimento de vertigem, que no ano de 1910 – efeméride do Centenário da Independência – vai se constituir um cenário de formação do campo intelectual bonaerense, preocupado em criar elementos que servissem de referência para identificar a urbe portenha e a nação argentina. É nesse momento que a figura do escritor se “profissionaliza”, fazendo surgir um tipo que se preocupava em formular questões sobre o seu ambiente, no qual suas ideias pudessem influenciá-lo (ALTAMIRANO e SARLO, 1997, p. 161-167).

Como foi destacado, a imigração é um dos principais acontecimentos que viria a influenciar a confusa realidade argentina naquele momento. Fruto de um projeto político levado a cabo pelo Estado no século XIX, para povoar as zonas desérticas e limpar da

---

<sup>7</sup> O debate sobre os primórdios das cidades latino-americanas, promovido por José Luis Romero, é extenso. O livro “*América Latina: as cidades e as idéias*” foi precursor dos debates contemporâneos sobre a origem e os problemas urbanos na América Latina. Analisando as cidades, desde o período pré-colonial até meados do século XX, Romero pontua as características da formação social e as características – muitas vezes – truncadas da urbanização. Nomeando a cidade do século XVIII de “cidade *criolla*”, devido à formação de elite local, que se opunha à elite metropolitana, Romero alega que então as ideias iluministas fomentarão os movimentos pró-independência. Porém, somente no século XIX, com a transição da elite concentrada no campo para a cidade, e a circulação de correntes de pensamento como o romantismo e as ideias iluministas, as cidades começaram a influir na formação de um sentimento de unidade nacional. Ainda segundo Romero, para entender a formação da “cidade patricia” torna-se crucial não separar a Política da Literatura, cruciais em sua formação.

argentina a barbárie rural; no início do século XX, esse começou a preocupar os “*viejos criollos*”.

Contrário ao projeto do Estado, a massa de imigrantes que entrou na Argentina concentrou-se, principalmente, nas cidades e nas zonas litorâneas deixando outras regiões, como a zona rural, em segundo plano. (As tabelas abaixo ilustram o crescimento populacional e urbano da Argentina, em finais do século XIX e início do XX).<sup>8</sup>

		1869		1895		1914	
		N.º	%	N.º	%	N.º	%
Argentina	Total	1.737.076	100	3.954.911	100	7.995.237	100
	Urbana	600.680	34,58	1.690.966	42,76	4.525.500	57,39
	Rural	1.136.396	65,42	2.263.945	57,24	3.339.737	42,61

Tabela 1 - Argentina. População total, urbana e rural, 1869-1914. Valores absolutos e porcentagens.

Homens	%	Mulheres	%	Crianças	%	Total	%
561.577	(65,31)	186.737	(21,72)	111.605	(12,97)	859.919	(100)

Tabela 2 - Número total de imigrantes chegados a Argentina entre 1857 e 1887.

Em 1887, a população de estrangeiros superava em números a população de argentinos. A imigração havia, de fato, dado os contornos importantes na configuração da sociedade argentina, principalmente na Capital (GUTMAN e ENRIQUE HARDOY, 1992, p. 275).<sup>9</sup> Com a economia em crescimento, a Argentina inseria-se num contexto maior, dentro do mercado mundial. Com os investimentos que entravam (grande parte estrangeiros), o país pode desenvolver sua infraestrutura e investir em obras públicas.

<sup>8</sup> Esses dados foram retirados do livro *Buenos Aires: historia urbana del area metropolitana*. Essa obra é uma ótima ferramenta de pesquisa para a História de Buenos Aires e de seu crescimento urbano. Contém dados relevantes para produzir interpretações, ilustrar e complementar dados fornecidos por outros autores. (GUTMAN e ENRIQUE HARDOY, 1992). As respectivas tabelas se encontram na p. 271 e p. 265.

<sup>9</sup> Vide quadro n.º 11.

Desse modo, no período do Centenário da Revolução de Maio celebraram-se todos os triunfos que o país havia conquistado e, ao mesmo tempo, surgiam questões referentes às novas configurações sociais como, por exemplo, a abertura de novos espaços de participação política e cultural para as novas classes que surgiam nos quadros da população argentina (ALTAMIRANO e SARLO, 1997, p. 166).

É nesse entroncamento de novas pressões por parte da sociedade, que a profissão do “artista-escritor” em Buenos Aires se desenvolve como atividade profissional. Como pontuou Beatriz Sarlo, ao se constituir em “cidade moderna”, Buenos Aires tinha as condições necessárias para que sua população consumisse os produtos que o mercado editorial produzia (SARLO, 2010, p. 37).

Diferente dos escritores modernistas (RAMA, 1985)<sup>10</sup> do século XIX, mais preocupados com questões estéticas, os escritores que surgiam buscavam dar respostas às transformações que ocorriam em sua sociedade. Esses “profissionais” que começavam a desenvolver a atividade das letras relacionavam-se com os jornais de grande circulação, buscavam integrar-se com o público que os lia, diferente dos “*gentlemen escritores*” do Oitocentos (ALTAMIRANO e SARLO, 1997, p. 168).

Em Buenos Aires, os escritores do início do século XX refletiram diretamente sobre a função de sua profissão, o papel dela na sociedade em que se situavam. Não somente como forma de sobrevivência (através da atividade jornalística), mas como uma atitude. As ideias dos escritores, naquele momento, buscavam se vincular à sociedade por duas formas: 1) a inquietude na criação de uma tradição cultural, que se via ameaçada pela presença dos imigrantes; 2) pelo consumo de ideologias que eram específicas do novo grupo que se formava (ALTAMIRANO e SARLO, 1997, p. 167-168).

O segundo ponto liga-se diretamente ao primeiro. Os “artistas-escritores” daquele período assumiram uma missão: moldar os novos rumos para a sociedade que se constituía. Como destacou Angel Rama, no período da modernização latino-americana, a profissão de escritor torna-se uma especialização – o letrado propriamente

---

<sup>10</sup> É necessário aqui pontuar que o modernismo, nos países latino-americanos, no século XIX não tem relação com o modernismo brasileiro, surgido no século XX. A figura com mais destaque do modernismo, latino-americano, foi o poeta nicaraguano Rubén Darío. Através de seus escritos, foi um dos poetas de maior influência na língua espanhola. É importante compreender a relação entre a poesia modernista o surgimento dos movimentos de vanguarda, que irão ocorrer no continente no início do século XX, pois os segundos opõem-se ferozmente aos padrões artísticos do primeiro.

não pôde mais dominar todos os temas – que pela complexidade da sociedade acabaram por diversificar-se em outros campos do conhecimento (história, literatura, economia, sociologia) (RAMA, 1985, p. 103).

Nesse aspecto, os escritores assumiam o papel de conduzir a sociedade por meio de uma *função ideologizante*: “[...] lhes cabia a condução espiritual da sociedade, mediante uma superpolítica educativa que se desenhou contra a política cotidiana, cujas ‘misérias’ se evitariam mediante vastos princípios normativos” (RAMA, 1985, 106-107).<sup>11</sup>

Na Argentina, através dos meios de comunicações<sup>12</sup> e das instituições<sup>13</sup>, os intelectuais pensaram a sociedade através da dicotomia entre o projeto *criollo* e a ameaça da imigração (ROMERO, 2009). Se no século XIX a imagem do imigrante representava a concretização da ideia de progresso atrelada ao desenvolvimento que ela traria e, as imagens dos *criollos* e *gauchos* assumiam significados pejorativos como os de vícios na política, atraso e barbárie, no século XX a lógica se inverte: o imigrante passou a ser visto, principalmente no período posterior ao Centenário, como aquele que destruiria a nação.<sup>14</sup>

Destarte, nesse momento de formação de novos valores dentro da sociedade argentina, principalmente em sua capital, Beatriz Sarlo afirmou que:

---

<sup>11</sup> Rama ainda destaca que essa função ideologizante, no papel da construção de uma nova sociedade, que surge nos escritores de início do século XX tem influência na leitura dos autores franceses. Outro aspecto destacado pelo autor é que com o declínio das crenças religiosas, os intelectuais cumpriram a função dos antigos sacerdotes guiando espiritualmente a massa da população.

<sup>12</sup> Nos anos finais do século XIX, o jornal *La Nación* era um dos principais periódicos com diversos intelectuais que trabalhavam como jornalistas em sua redação.

<sup>13</sup> As Universidades, nesse período, assumiram importante papel na criação de um projeto nacional, por meio da formação de uma tradição literária (exemplo disso foi a criação da cátedra de literatura argentina na Universidade de Buenos Aires). Outro papel importante, por elas desempenhado, foi o da profissionalização do escritor. No final do século XIX e início do XX, a Faculdade de Filosofia e Letras de Buenos Aires assumiu essa função contribuindo para o desenvolvimento das formas de sociabilidade intelectual. Nesse contexto, os antigos letrados (muitos deles formados em Direito e Medicina) passaram a dividir espaço com uma “nova” geração.

<sup>14</sup> Em outro aspecto, as imagens do *criollo* e do *gaucho* que no século XIX tinham significado pejorativo assumem um contorno positivo. Isso ocorre, pois, a própria tradição nacional estava ameaçada pela ideia de progresso desenfreado. Veja o trecho a seguir: “*El gaucho, el desierto, el ya no son representantes de una realidad ‘bárbara’ que hay que dejar atrás en la marcha hacia la ‘civilización’, sino los símbolos con los que se trama una tradición nacional que el ‘progreso’ amenaza disolver*”. (ALTAMIRANO e SARLO, 1997, p. 184).

O que escandalizava ou apavorava muitos dos nacionalistas do Centenário influenciou a visão dos intelectuais nos anos 20 e 30. [...] A imagem de uma cidade homogênea já se rompera em 1890, mas trinta anos é pouco para assimilar, na dimensão subjetiva, as diferenças radicais trazidas pelo crescimento urbano, pela imigração e pelos filhos da imigração. *Uma cidade que duplica sua população em pouco menos de um quarto de século sofre mudanças que seus habitantes, velhos e novos, tiveram de processar* (SARLO, 2010, p. 37-38).<sup>15</sup>

Nesse ambiente, Buenos Aires constituiu-se em uma cidade cosmopolita e moderna (BERNAND, 1999, p. 237). Afetada pelas transformações, a sociedade portenha sofreu prodigiosamente com as mudanças. O processamento desses eventos, como destacou Luis Alberto Romero, ocorreram, muitas vezes, de maneira violenta (ROMERO, 2006, p. 40).

O desenvolvimento da sociedade portenha significou o rompimento com o poder da velha ordem oligárquica que passou, também, a disputá-lo com os novos grupos que emergiam no ambiente portenho. É nesse período que a UCR (União Cívica Radical), partido político que ganhava expressão entre os portenhos, conseguiu eleger para a presidência Hipólito Yrigoyen (BERNAND, 1999, p. 233).<sup>16</sup>

O desenvolvimento da sociedade argentina e o crescimento da área urbana portenha estão diretamente relacionados com a consolidação da democracia. Entre 1912 (ano da reforma eleitoral que pretendia aumentar os direitos à cidadania) e 1930 (quando a breve experiência democrática argentina acabou sendo interrompida), a representação da União Cívica Radical, enquanto partido político, foi singular: a UCR tornou-se o primeiro partido político a obter dimensão nacional (ROMERO, 2006, p. 53-54). Porém, tal como a sociedade portenha, a UCR vivia – paradoxalmente – a mistura de modernidade e tradição. Luis Alberto Romero supôs que a UCR fosse capaz

---

<sup>15</sup> Notar a questão do ensaio (gênero literário eleito por muitos escritores) como forma de diagnosticar os problemas e demonstrar as visões de mundo que os poderiam corrigir. Ainda destaca-se o fato de Jorge Luis Borges, escritor que começou sua produção literária no período posterior ao Centenário, haver produzido ensaios em que é possível enxergar os conflitos por ele percebidos na cidade de Buenos Aires. A noção da subjetividade, nesse caso, entra como forma de poder experimentar a cidade por meio das transformações. O impacto do crescimento urbano, na obra de Borges, é fundamental para entender a dimensão subjetiva de sua produção literária, além de ajudar na compreensão das bandeiras estéticas e políticas ao qual o escritor se filiou.

<sup>16</sup> A vitória de Hipólito Yrigoyen significou, em certos aspectos, constrangimento para a velha elite. Como destacou Carmen Bernand, no dia seguinte após a posse presidencial os *criollos* estranharam os sobrenomes dos ministros escolhidos por Yrigoyen, de maioria estrangeira. As antigas gerações que lutaram para unificar o país e que participaram da conquista do deserto conservavam, nesses eventos a memória de um passado que evanesca.



de fornecer elementos necessários para a formação de uma identidade na política nacional, porém, assim como os símbolos nacionais, esses eram muito poucos (ROMERO, 2006, p. 54). A própria sociedade portenha experimentou-os. Nesse aspecto,

A cidade, o centro das decisões anônimas, convertia-se em um monstro cada vez mais odiado e cada vez mais inacessível: quem se rebelava contra ela estava destinado a lutar com uma sombra. [...] *A política variou a partir de então*. Deixou de ser patrimônio de umas camarilhas que resolviam os seus problemas nos salões e nas ante-salas e *transformou-se em algo tumultuado que tinha como cenários as ruas e as praças* (ROMERO, 2009, p. 334-338, grifo meu).

O trecho, retirado do livro de José Luis Romero, ilustra bem a situação na qual o desenvolvimento político ocorreu junto com a ampliação da sociedade. Na medida em que a UCR era um partido que representava a “nova” Sociedade argentina, tornava-se, ao mesmo tempo, o instrumento pelo qual esta disputaria espaços nos ambientes políticos com os “*viejos criollos*”.

As questões pensadas no ano do Centenário (1910) ecoaram – com grande ressonância – nos anos de 1920. Os problemas que haviam sido pensados pelos intelectuais do “primeiro nacionalismo” ou “nacionalismo cultural” (ALTAMIRANO e SARLO, 1997, p. 163), como propuseram Beatriz Sarlo e Carlos Altamirano, na busca de pensar a nação por meio da construção de uma tradição literária, evidenciou-se nos anos vinte na organização do espaço urbano. Urbanismo e política passaram, então, a conviver lado a lado, se é que alguma vez já estiveram separados.<sup>17</sup> Nesse sentido, os imigrantes radicados nas cidades, junto com as novas camadas médias que se formaram através do quadro de desenvolvimento social, ao buscarem participação política influíram sobre o desenvolvimento da cidade.

Como alegou José Luis Romero, entre 1890 e 1930 o pensamento burguês atingiu seu apogeu. Nesse contexto, elaborou-se um ideal muito definido, no qual a cidade pôde dominar as outras regiões. A burguesia, triunfante e amparada pela ideia de

---

<sup>17</sup> De acordo com G. C. Argan: “É obvio que, não obstante o que se programe, planeje ou projete, o objeto é sempre a existência humana como existência social e que não se planejará ou projetará se não se pensasse que a existência social será, deverá ou deveria ser diferente e melhor com relação ao que é. Naturalmente, nem tudo o que é programação, projeto e planejamento é urbanismo; mas nem por isso se pode dizer que o urbanismo representa apenas um determinado setor no âmbito da programação global, que é, ou deveria ser, a norma pragmática de todos os regimes políticos ou democráticos” (ARGAN, 2005, p. 212).

um progresso *continuum*, passou a dominar e a impor seus projetos (ROMERO, 2009, p. 341).

Na Argentina, logo após o fim da recessão imposta pela Primeira Guerra (1914-1918), retomou-se o crescimento urbano e econômico com vigor (GUTMAN e ENRIQUE HARDOY, p. 163). Romero pontuou que não havia, naquele período, por parte da sociedade compreensão das transformações em curso. Nas cidades, sobretudo, as mudanças foram observadas com precisão, pois ali foi o local em que ocorreram de forma acentuada. Assim, “Tudo o que se opunha ao desenvolvimento linear e acelerado do mundo urbano e europeizado era condenável, constituía uma rêmora e merecia ser eliminado” (ROMERO, 2009, 344).

Constituída sobre as fortes influências do pensamento da França de Napoleão III – por meio das reformas urbanas do barão de Haussmann em Paris – e pela moralidade da Inglaterra vitoriana (PINTO, 1998, p. 118-119), a Buenos Aires moderna não tinha espaço (em sua paisagem) para as camadas populares.

A cultura oficial, como destacou Adrián Gorelik, negou o que ele nomeou de “ocupação formiga”: com os barateamentos dos terrenos e dos preços das passagens dos bondes, a população de imigrantes pode radicar-se na cidade de Buenos Aires. Nesse momento, aqueles que antes ocupavam os cortiços no centro da cidade mudaram-se para bairros, no subúrbio da capital. Porém, a cultura oficial, representada pelo Estado, negava esse avanço. O próprio modelo de urbanização adotado na capital portenha via a expansão urbana com maus olhos, pois significava a perda da qualidade de vida urbana, podendo dissolver a forma da cidade (2005, p. 60).

Novamente, desejou-se a ordem em detrimento do ecletismo que proliferava pela Cidade. O poder municipal, em 1887, criou a *quadrícula pública*<sup>18</sup> para conter a expansão urbana. Disso decorre que em Buenos Aires a ocupação do espaço não nasceu de vazio normativo, mas da vontade de conter o crescimento urbano. Desse traçado surge o bairro, que, segundo Gorelik, adquire conotação de lugar político e espaço público. Isso ocorre porque, na medida em que a Sociedade se organizava nesses locais,

---

<sup>18</sup> A quadrícula pública foi um espaço criado, imaginariamente, para ordenar o crescimento urbano da Cidade. Desse traçado urbano surgiram os bairros, compondo as novas zonas da ocupação de Buenos Aires. Importantíssima para a cidade, a quadrícula influenciou a visão sobre o subúrbio como local de fundação da cultura portenha. Como afirma Gorelik: “A moderna cidade de quadrícula surge como parte do processo modernizador que clausura a ‘experiência circular’ da cidade antiga e, nada melhor que a retícula, homogênea em todas as direções, para registrar a ruptura” (2005, p. 62).

a cultura popular avançava sobre a zona central, reivindicando inserção nos projetos da sociedade portenha, dominados pela elite *criolla* – esta tornava o centro seu local de domínio, impedindo a manifestação cultural de outros grupos (2005, p. 63-65).

Em Buenos Aires, o bairro acabou adquirindo funções importantes como, por exemplo: local de organização política e produção cultural. Dessa forma, tornou-se elemento central para a compreensão da imagem que produziu a identidade de cidade moderna. Nesse sentido,

La ciudad de Buenos Aires fue una ciudad formada por barrios. Cada barrio tiene un carácter distinto determinado, en parte, por el sitio donde creció y también por la cultura de sus habitantes y las razones de su origen (GUTMAN e ENRIQUE HARDOY, 1992, p. 15).

Robert Ezra Park, ao estudar a cidade moderna, alegou que:

[...] a cidade é um estado de espírito, um corpo de costumes e tradições e dos sentimentos e atitudes organizados, inerentes a esses costumes e transmitidos por essa tradição. Em outras palavras, *a cidade não é meramente um mecanismo físico e uma construção artificial. Está envolvida nos processos vitais das pessoas que a compõem; é um produto da natureza, e particularmente da natureza humana* (1979, p. 26, grifo meu).

Nesse sentido, o bairro em Buenos Aires serviu para que, em meio a impessoalidade gerada pela grande cidade, os indivíduos pudessem criar hábitos e costumes. No bairro, a complexidade da grande cidade desfaz-se nas relações humanas que são baseadas pelo contato, pelas necessidades e interesses que a comunidade, através dos indivíduos, produz e molda. Os projetos, formados a partir das relações sociais, refletem a tradição e os elementos que dão contornos às características àquela parte da cidade (PARK, 1979, p. 29). Em Buenos Aires a tradição *criolla*, um dos elementos fundamentais para a constituição da sociedade portenha, fundiu-se a outros. O contraste entre a vida urbana e a vida no campo formou-se muitas vezes de modo mais idealizado e imaginado do que propriamente real, a partir de projetos que certos bairros, por meio de suas associações, passaram a buscar e concretizar (BERNAND, 1999, p. 242-245).

O campo, na cultura argentina, foi transmutado na imagem do pampa. Ao passo que se desenvolveu, a cidade de Buenos Aires perdeu as suas referências de um passado colonial. A modernização começou a afetar a memória da cidade, com isso surgiu a

necessidade de fantasiar o passado. Em aspectos como os já citados, romances com características utópicas, fazem menção a uma “era de ouro”, na qual o passado é reconstruído para criticar valores que surgem na “ordem” presente (SARLO, 2010, p. 61). Assim, incorporação do bairro como espaço público local à política argentina, não dependeu totalmente das novas instituições que se desenvolviam e, nem ao crescimento da cidade, em sua totalidade. Visto que a própria cultura argentina carecia de elementos em sua tradição foi necessário criar, por meio de mitos literários, a dimensão que o bairro assumiu na cultura portenha (GORELIK, 2005, p. 67). Em meio a uma paisagem urbana, permeada pela visão tecnológica, surge a alternativa de outra paisagem amparada em ambiente natural, capaz de oferecer segurança para as perdas experiência que a cidade ao modernizar-se ofertou a seus habitantes (SARLO, 2010, p. 65).<sup>19</sup>

A vizinhança, no contexto urbano, é o local de identificação de seus moradores. Através dela, a população manifesta seus anseios, sente-se segura pela idéia de continuidade que ela oferta. Nesse aspecto, como afirmou Robert E. Park, ela promove a continuidade dos processos históricos, de modo que o passado adquira relação com o tempo presente sem necessariamente ser rompido (1979, p. 30). Park alega, ainda, que a vizinhança é a forma elementar de associação entre os moradores da cidade (1979, p.31).

Gorelik, ao estudar o bairro em Buenos Aires, coloca-o em categoria que permite compreender a afirmação feita por Park. Quando afirma que o bairro tornou-se um *espaço público moderno*, o autor alega que ele serviu de referência para que os seus habitantes pudessem enfrentar as abstrações impostas pelo traçado urbano da quadrícula e pela imagem retilínea do pampa, que apagavam todas as diferenças sociais dentro de uma cidade que se desenvolvia e, onde, a cultura oficial negava em reconhecer a importância da participação popular na nova formação social. O autor afirma que no início de 1920, a cultura popular buscou avançar sobre o centro da cidade – antes local da cultura *criolla* – buscando obter atenções políticas, culturais e urbanísticas. Os seus habitantes queriam mostrar que o crescimento da cidade não dependia exclusivamente do desenvolvimento do núcleo central da cidade (2005, p. 65).

Nesse sentido, o bairro surgiu como uma promessa: servia de *projeto* para que as pessoas, por meio das associações, pudessem sentir-se seguras e buscar oportunidades

---

<sup>19</sup> Vide, por exemplo, *Dom Segundo Sombra*.

de crescerem na vida. Assim, a continuidade que o bairro provocou foi rapidamente aceita pela sociedade, pois havia tornado-se uma maneira (excêntrica!) de seus habitantes romperem com a imagem de um passado que remetia à miséria. Constituiu-se desse modo porque ao passo que era *progressista* e produto da modernização, o bairro portenho negava, paradoxalmente, o desenvolvimento na busca de uma tradição (GORELIK, 2005, p. 65-67), de um mito de origem.

Assim, a cidade de Buenos Aires surge como elemento para a criação de mitos. Com todas as suas características de cidade moderna, a capital argentina condensa elementos simbólicos que além de produzir novas visões sobre o presente, irão contribuir, também, para a fundação e reinterpretação de mitos que se fixaram na cultura argentina.

#### Bibliografia

ALTAMIRANO, Carlos e SARLO, Beatriz. *Ensayos argentinos: de Sarmiento a la vanguardia*. Villa Ballester, Argentina: Ariel, 1997.

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BERNAND, Carmen. *Historia de Buenos Aires*. Buenos Aires: FCE, 1999.

FUNES, Patricia. *Salvar la nación: intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometo Libros, 2006.

GUTMAN, Margarita e ENRIQUE HARDOY, Jorge. *Buenos Aires: historia urbana del area metropolinta*. Madrid: Mapafre, 1992.

JAMESON, Frederic. *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*. Trad. de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ed. Ática, 1992.

PARK, Robert E. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano (1916). In: VELHO, Guilherme Otávio (org.). *O fenômeno urbano*. Trad. de Sérgio Magalhães Santeiro. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1979.

RAMA, Angel. *A cidade das letras*. Trad. Emir Sader. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ROMERO, José Luis. *América Latina: as cidades e as idéias*. Trad. de Bella Joseff. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009.

ROMERO, Luis Alberto. *História contemporânea da Argentina*. Trad. de Edmundo Barreiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006

SARLO, Beatriz. *Modernidade periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*. Trad. de Júlio Pimentel Pinto. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

VASQUEZ, Karina R.. Redes intelectuais hispano-americanas na Argentina de 1920. *Tempo Social*, São Paulo, v. 17, n. 1, jun. 2005.